

Bullying: A Intensidade e Frequência Da Prática Relacionados Com o Gênero Do Autor

Raimundo Nonato de Souza Bouth¹
Vanesa Bouth de Sousa²

Resumo: *Essa pesquisa analisa os diferentes comportamentos, em relação ao bullying, entre alunos da Escola 'Mário Barbosa' localizada no bairro da terra firme, na cidade de Belém do Pará. Tendo como base autores renomados sobre o assunto buscamos responder ao problema da pesquisa: a intensidade e frequência do bullying na Escola Mário Barbosa estão diretamente relacionados ao gênero do autor? A investigação se realizou apoiada no seguinte objetivo geral: analisar a relação do gênero dos alunos com a intensidade e frequência dos atos de bullying no interior da escola. No contexto da metodologia, a pesquisa é correlacional, apresenta método descritivo, ou seja, não experimental. Foi utilizado como técnica de pesquisa a aplicação de questionário com perguntas fechadas. O levantamento bibliográfico serviu de sustentáculo para a pesquisa de campo. Identificamos com base nas análises dos gráficos resultantes das informações coletadas pelos questionários aplicados aos educandos do 3º ano do ensino médio, que entre eles, os do gênero masculino atuam com maior frequência e de forma mais incisiva, abrupta e violenta na prática do bullying no interior da escola. Após este estudo, podemos concluir que ambos os gêneros são praticantes e, ao mesmo tempo, vítimas de atos de bullying, porém convêm asseverar que os alunos do gênero masculino praticam os atos em maior número e intensidade, e ao mesmo tempo, são as principais vítimas, no caso específico da instituição investigada.*

Palavras Chave: *Bullying, intensidade do bullying, frequência do bullying, gênero do aluno.*

1. Doutorando em Ciências da Educação. Universidad Autónoma de Asunción–UAA, Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Autónoma de Asunción, Licenciado Pleno em Geografia. Universidade Federal do Pará. E-mail: nonatobouth@hotmail.com.

2. Mestre em Ciências da Educação. Universidad Autónoma de Asunción, graduanda em Ciências Contábeis – Universidade da Amazônia – UNAMA, graduanda em Pedagogia pela Faculdade Brasil Amazônia – Fibra. E-mail: vanbouth@yahoo.com.br

Recepción: 30/09/2010, Aprobación: 28/10/2010.

Resumen: *La investigación describe los diferentes comportamientos en relación al Bullying entre los alumnos de la Escuela Mario Barbosa, ubicada en el barrio de tierra firme en la ciudad de “Belém do Pará” – Brasil. En base a autores de renombre en la materia trató de responder al problema de investigación: ¿La práctica, la intensidad y la frecuencia del Bullying en la Escuela Mario Barbosa están directamente relacionados con el género del autor? La investigación se realizó apoyada en el siguiente objetivo general: analizar la relación entre el género de los estudiantes con la práctica, la intensidad y frecuencia de los actos de Bullying en la escuela. En el contexto de la metodología, la investigación es correlacional, presenta método descriptivo, y no experimental. Se utilizó como técnica de investigación la aplicación de cuestionario con preguntas cerradas. La revisión de la literatura sirvió como un pilar para la investigación de campo. Identificados con base en el análisis de los gráficos resultantes de las informaciones recogidas a través de cuestionarios administrados a los estudiantes del 3er año de la enseñanza media, qué entre ellos, los hombres actúan con mayor frecuencia y de forma más incisiva, abrupta y violenta en la práctica del bullying en el interior de la escuela. Después de este amplio estudio, llegamos a la conclusión de que ambos géneros son practicantes y, a la vez, víctimas de éstos actos. Conviene afirmar que los alumnos del género masculino practican los actos en mayor número, y a la vez, son las principales víctimas, en el caso específico de la institución investigada.*

Palabras clave: *Bullying, intensidad del bullying, frecuencia del bullying, género del alumno.*

INTRODUÇÃO

A escola é vista como prolongamento do processo educacional e de relação com a sociedade iniciados na estrutura familiar, mas nem sempre o que a família tem como perspectivas são configuradas e concretizadas no ambiente escolar, isto porque, irremediavelmente o bullying, em seus diversos aspectos, faz parte do cotidiano da escola.

O bullying tem sua existência com o surgimento da própria escola. O despertar para essa realidade se deve ao trabalho de pesquisadores do assunto, contribuído para uma relativa conscientização da comunidade escolar. O objetivo desse artigo é analisar a relação do gênero dos alunos com a intensidade e frequência da prática dos atos de bullying na Escola 'Mário Barbosa' localizada no bairro da Terra Firme, em Belém do Pará, sendo considerado um dos mais violentos da cidade.

A escola funciona em três turnos, manhã, tarde e noite, com turmas dos ensinos fundamental do 6º ao 9º ano e turmas de ensino médio do 1º ao 3º ano. A escola conta com 685 alunos matriculados. Foram as turmas do 3º ano do ensino médio que participaram diretamente desse trabalho de pesquisa. A Escola Mário Barbosa é composta, em sua maioria, por alunos de baixa renda, sofre com carência de serviços básicos e com a violência. No entorno da escola, por conta da disputa entre grupos de traficantes, é grande a incidência de execuções motivadas por acertos de contas em decorrência do não pagamento de drogas pelos usuários. Segundo a Polícia Militar do Estado do Pará há uma rivalidade entre traficantes de drogas, que buscam o domínio da área para comercialização de entorpecentes.

A pesquisa apresenta um método correlacional, onde as variáveis da pesquisa, intensidade e frequência do bullying, não foram manipuladas, sem necessidade de identificar quais as dependentes e independentes e sim promover relação entre elas para assim conhecer-se a respectiva realidade do problema de forma consistente em sua contextualidade. A técnica utilizada foi o questionário fechado de múltipla escolha. Primeiramente faremos uma abordagem teórica sobre o assunto bullying e posteriormente relacionaremos essa teoria com o que foi

cooptado através da aplicação do questionário aos alunos da escola.

Constatou-se que os alunos do gênero masculino praticam os atos em maior intensidade de violência e com maior frequência, como também são as principais vítimas, no caso específico da Escola Mário Barbosa. Propõem-se ações do Estado e da Escola, em caráter individual ou coletivo, considerando o gênero ou não dos autores e receptores do bullying. Faz-se necessário que as ações saiam do planejamento para a aplicabilidade como forma de combater aspectos da violência e resgatar o respeito às diferenças individuais e assim, contribuir para a formação de cidadãos que respeitem a si mesmo e aos outros.

Os diferentes tipos de bullying e sua relação com o gênero do aluno

Podem-se citar como exemplos de bullying verbal: apelidos ofensivos, comentários insultuosos e humilhantes, provocação repetida, comentários racistas, ameaças, intimidação, e cochichar sobre a pessoa pelas costas. Em relação ao bullying físico citamos: bater, chutar, beliscar, dar tapas, cotoveladas e empurrões com os ombros, empurrar, forçar com o corpo, colocar o pé na frente, tomar, roubar, danificar ou desfigurar pertences, cuspir, ameaçar com linguagem corporal intimidadora. O bullying psicológico, moral ou relacional pode ser exemplificado pelos atos de irritar, humilhar, ridicularizar, isolar, ignorar, desprezar, fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar, ameaçar, chantagear, tiranizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo, fazer intrigas, iniciar rumores, espalhar fofocas, zoar,

criar ou se unir a grupinhos para exclusão de um ou mais indivíduos. E finalmente, o bullying sexual expresso pelo abusar, violentar, assediar e insinuar.

Essa parte do artigo busca evidências teóricas para identificar qual o gênero dos alunos que mais pratica e sofre o bullying em seus diferentes tipos, o masculino ou o feminino ou até mesmo se a intensidade, frequência e a vitimização ocorre proporcionalmente em relação a ambos os gêneros. Nas palavras de Calhau (2010, p. 6) o Bullying é visto como “um assédio moral, são atos de desprezar, denegrir, violentar, agredir e destruir a estrutura psíquica de outra pessoa sem motivação alguma e de forma repetida”.

De outra forma, este fenômeno consiste em comportamentos agressivos e persistentes exercidos por um indivíduo ou grupo de indivíduos que podem durar semanas, meses ou anos, sendo difícil às vítimas defenderem-se a si próprias (Vila e Diogo, 2009, p. 2).

Diante do exposto é preciso ver o bullying não somente como brigas corriqueiras ou mesmo conflitos ligados ao processo de socialização entre estudantes. Esse fenômeno aparece como legítimos atos de intimidação que se manifestam com violência física e psicológica.

Reportando as palavras de Marinho e Capucho encontramos:

Ao estudar o fenômeno, alguns autores optam por um reducionismo psicológico; outros ainda o tratam sob uma ótica sociológica, propondo encaminhamentos pedagógicos coerentes com essas escolhas. É exemplo da primeira opção a corrente compreensão de que a solução do bullying está em tratar por meio de terapia individual a vítima e o agressor, sem envolvimento da comunidade escolar (Marinho e Capucho, 2008, p. 11).

Portanto, percebe-se que o estudo do fenômeno bullying de acordo com cada corrente de pesquisador pode ser estudada sob as vias psicológicas, que oferece um tratamento através da terapia individual aos envolvidos no problema, ou sociológica com o apoio pedagógico no momento da escolha. Nessa perspectiva, entende-se que a maioria dos pesquisadores acaba não problematizando as supostas causas do bullying, contentando-se em citar os fatores econômicos, sociais, culturais e individuais que lhe dão base. “Desta forma, as influências familiares, de colegas, da escola e da comunidade, as relações de desigualdade e de poder, a relação negativa com os pais e o clima emocional frio em casa parecem considerados naturais e apartados das contradições culturais que os produziram” (Antunes e Zuin, 2008, pp. 33-42).

Constata-se, então, que o diferencial entre uma brincadeira mais violenta e o bullying são as consequências irreparáveis à psique do indivíduo. O bullying atinge principalmente os indivíduos que estão na adolescência, que é a fase mais difícil de serem educados, de acordo com relatos de profissionais da área da educação. É preciso que a escola busque conhecer a história de vida dos seus alunos, principalmente dos que se encontram envolvidos em casos de violência; muitas vezes o conhecimento da situação vivida pelos mesmos pode apontar o caminho, ou caminhos, para resolver o problema.

A escola, como qualquer outro lugar frequentado por jovens e adultos, tem a obrigação de ter como objetivo prioritário a promoção de um contexto que seja satisfatório desse ponto de vista, aberto ao amadurecimento do grupo, ao desenvolvimento de relações positivas entre os adolescentes, suficiente para construir um sentido, um peso e um significado, em termos de

amizade, ajuda e solidariedade, reconhecível por todos os seus componentes.

Quando se estuda os fenômenos de comportamento, principalmente entre os mais jovens, é necessário se levar em consideração que existem mudanças com influência específica na vida e no comportamento dos jovens, que os envolvem diretamente, nas quais aparecem como atores principais sejam na escola ou no grupo de amigos, nos momentos de lazer, no trabalho ou na família. Faz-se necessário ter-se em mente que sempre houve agressividade entre os jovens, porém, nos últimos tempos, esta tem aumentado de intensidade, e em decorrência dos fatores mais diversos e das mais variadas razões. Vale ressaltar que ao presenciar um episódio de agressividade entre os jovens, é necessário, depois de descobrir a agressividade, entender o porquê. Qual é o problema, chegar à fonte. Para individualizar o caminho e solucionar a questão. E isso deve envolver todos que fazem parte da comunidade escolar.

A vítima do bullying pode ou não superar os traumas que foram ocasionados pelos atos do bully. A superação vai depender das suas características individuais, do seu relacionamento consigo mesmo e com o grupo social que convive, principalmente com sua família. No caso da pessoa que foi vítima de bullying não conseguir superar o trauma pelo qual passou, o mesmo prejudicará o seu comportamento e a sua capacidade de aprendizagem.

Ainda vale destacar as palavras de Silva (2010) donde a pratica do bullying pode se configurar de forma direta e indireta. E, ainda assevera que dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de maus-tratos; normalmente os comportamentos

desrespeitosos dos bullies costumam vir em bando. Para melhor compreensão em relação ao gênero do autor, a maior parte das pesquisas revela que “os meninos vitimizam mais que as meninas, além de se utilizarem mais da agressão física e verbal”. As garotas, por seu turno, usariam mais a agressão indireta relacional, tal como espalhar rumores (fofocas) ou realizar exclusão social (Trautmann, 2008 apud Albino e Terêncio, 2009, p. 6).

Os meninos enquanto vítimas têm em seus agressores indivíduos do mesmo gênero e as meninas são vítimas de indivíduos de ambos os gêneros. É certo que se deve considerar, nesses resultados, a grande influência dos papéis de gênero, ou seja, da construção histórica e social da masculinidade e da feminilidade, uma vez que os meninos costumam ser incentivados socialmente a assumir posições fisicamente violentas, enquanto às meninas restam formas mais sutis de agressão (Albino e Terêncio, 2009, p. 6).

Nesse caso identifica-se o desequilíbrio do poder entre o agente praticante e sua vítima que não consegue apresentar uma estruturação de defesa independentemente de seu gênero, idade ou estrutura e força física. É preciso conceber que os agentes praticantes do bullying escolhem suas vítimas quando percebem que essas pessoas não apresentam estruturação e estratégia de defesa. Diante do exposto, é importante fazer também uma alusão as palavras de Beane (2010, p. 19) quando cita que “algumas palavras-chave definem a palavra bullying: intencional, doloroso, persistente e desequilíbrio de força”. E o autor prossegue: “comportamentos de bullying surgem de formas variadas: físicos, verbais, sociais e relacionais” (Id.).

Compreende-se pelas palavras da psicopedagoga Birgit Mobus que o bullying acarreta sérias dificuldades do desenvolvimento psicossocial às crianças; tanto para a vítima, autor, quanto para as testemunhas. A autora ainda adverte que:

Os dois lados – agressor e alvo – sofrem com problemas de má expressão de agressividade, sendo de um lado o excesso e de outro a falta. Os alvos sofrem constantemente, pois são identificados como crianças inábeis em se defender. A testemunha, que na maioria das vezes está presente apoiando o agressor, também possui problemas de auto-estima. O apoio na ridicularização do outro é uma forma de se defender, assim não vindo a ser o alvo (Mobus, 2010, p. 3).

Constata-se então, que se há na classe um aluno que apresenta características psicológicas como ansiedade, insegurança, passividade, timidez, dificuldade de impor-se e de ser agressivo e com frequência se mostra fisicamente indefeso, do tipo bode expiatório, esse aluno logo será descoberto pelo agressor. Esse tipo de aluno representa o elo frágil da cadeia, uma vez que o agressor sabe que ele não vai revidar se atacado, que se atemorizará vindo talvez a chorar, não se defenderá e ninguém o protegerá dos ataques que receber. Nesse sentido parece que o bode expiatório constitui-se para um aluno agressor, num alvo ideal. Sua ansiedade, ausência de defesa e seu choro produzem um forte sentimento de superioridade e de supremacia no agressor, que pode então satisfazer alguns impulsos de vingança. Em geral, o agressor consegue fazer com que os outros se unam a ele, formando grupos (gangues). Consegue também induzir aqueles que lhe são íntimos a escolherem um bode expiatório, que tem em sua aparência, em sua forma de vestir ou em suas maneiras e trejeitos algo que demonstre que é presa fácil para seus ataques. Ao que parece, o agressor sente a mesma satisfação quando ataca ou quando são os outros que atacam as vítimas. Caso seus atos produzam

alguma consequência, o agressor sempre tem uma estratégia inteligente para sair-se bem (Melo, 2010, p. 35).

Na maioria das vezes, entretanto, os professores ou outros profissionais da escola não percebem a agitação ou não se encontram presentes no local quando acontecem os ataques à vítima; assim, os próprios alunos ficam entregues a si mesmos para resolver seus conflitos. É comum que a vítima não conte para os professores e para os pais o que lhe acontece na escola. Melo (2010) ainda acrescenta que:

Também é comum que os outros alunos participem dos maus tratos ao bode expiatório, já que todos sabem, por um lado, que ele é frágil e não se atreve a revidar e, por outro que, nenhum dos alunos mais fortes da classe sairão em sua defesa. A partir do momento em que os valentões da classe o atacam, o aluno agredido chega até a estranhar quando pouco hostilizado, pois, no fundo, acredita que não tem valor é que é merecedor dos ataques. Aos poucos vai se isolando do grupo e da classe, uma vez que sua reputação se torna cada vez pior entre seus companheiros por causa das constantes gozações e dos ataques abertos, ficando evidente para todos que não serve para nada (p. 30).

Alguns temem se tornar a próxima vítima, e dessa forma o isolamento do aluno, alvo do bullying é fato consumado. Além do bullying físico e do verbal outra forma de bullying é o relacional. Assim, em relação ao bullying relacional afirma-se que fôra cunhado por Nick Cricki da Universidade de Minnesota (EUA) para descrever o uso das relações para prejudicar os outros. Mas, alguns outros autores se utilizam da palavra relacional para se referir ao bullying feminino, embora também ocorra entre meninos. Agressão relacional é um termo psicológico que significa o uso das relações para ferir os pares. Comparada com outros tipos de agressão, como a física, é mais

quieta, insidiosa e mais difícil de ser detectada (Silva, 2010, p. 16).

O dano provocado pelo bullying relacional é enorme, porque afeta uma área de suma importância – a social. É sabido o peso que crianças e, principalmente, adolescentes dão aos pares, a pertencer a um grupo. O sofrimento vem da não aceitação, da não inclusão no grupo, da rejeição. Na maioria das vezes os motivos não são explicitados, o que provoca mais dor à vítima.

Alunos no Ambiente Escolar: Vítimas, Espectadores e Agressores

O bullying pode variar em seus índices considerando cada realidade escolar. Isso decorre do conhecimento da situação e da postura que cada instituição de ensino adota, ao se deparar com casos de violência entre alunos (...). Além de apresentar qualidade de ensino, a boa escola não é aquela onde o bullying necessariamente não ocorra, mas sim aquela que, quando ele existir, sabe enfrentá-lo com coragem e determinação (Silva, 2010, p. 118).

A pessoa que assume o papel de expectador pode ser apresentada como sendo o jovem ou a criança que vê diariamente as situações de bullying e torna-se inseguro e temeroso. Ele não conta suas impressões por receio de tornar-se alvo ou por ter sido ignorado pelos adultos nas tentativas que fez de comentar certos fatos. No tocante a vítima, a mesma pode ser apontada como sendo aquela criança ou aquele jovem frágil, que é constantemente ameaçado, intimidado, isolado, ofendido, discriminado, agredido, recebe apelidos e provocações, tem seus objetos pessoais furtados ou quebrados. Normalmente mostra-se

arredio, demonstra medo ou receio de ir para escola e não procura ajuda por sentir-se indefeso. Ele pode ter baixo rendimento escolar, ficar deprimido, ansioso, apresentar dificuldades para dormir, além de sofrer com pesadelos.

Já a figura do agressor é citada por ter aprendido a usar um comportamento agressivo com os adultos para resolver seus problemas. Apresenta um comportamento de intimidação e provocador permanente. Acha que todos devem atender seus desejos de imediato e demonstra dificuldade de colocar-se no lugar do outro. Tanto ele, quanto suas vítimas apresentam dificuldade de relacionamento, são inseguros e sentem pressão em algum momento. Deve-se alertar para a banalização não da prática, mas para o uso do termo bullying e para o risco de se formar uma comunidade escolar incapaz de lidar e resolver as diferenças, como o gênero, tamanho, comportamento, opção sexual e idade dos alunos.

Para Cristofolini (2009) os principais alvos de bullying são “pessoas ou grupo de pessoas que são prejudicadas ou que sofrem as consequências do comportamento de outros e que não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos contra si” (p. 12). O autor ainda acrescenta que:

Um forte sentimento de insegurança os impede de solicitar ajuda. São pessoas sem esperança quanto às possibilidades de se adequarem em grupo. A baixa estima por si é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento. Alguns crêem serem merecedores do que lhe é imposto. Têm poucos amigos, são passíveis quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Muitos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir para a escola, chegando a similares doenças. Trocam de colégio com frequência, ou abandonam os estudos (Id.).

Então, diante do exposto, agora, parece que, para não ocorrer bullying os alunos devem apresentar um comportamento imóvel, inerte e inoperante. Assim, parece que cada aluno deve ficar em seu lugar e em seu cantinho. Alunos e alunas em separado, uns para lá e outros para cá. Mas, se assim sendo esses alunos não se imunizarão com a aprendizagem da defesa própria, não aprenderão a se defender, a regir contra essa ação hedionda, denominada bullying.

A escola é o segundo lar do indivíduo, no qual deveria conviver em harmonia com os demais elementos da comunidade escolar, principalmente os outros alunos. Levando-se em conta essa afirmação Galdino (2009) assevera que “a escola deve ser encarada como um ambiente saudável, onde a criança deve estudar, aprender e fazer amigos” (p. 26). Mas, o que se percebe é que para alguns os atos de bullying vem quebrando esse rótulo que a escola é o ‘segundo lar’.

Nesse mesmo contexto, Galdino (2009) ainda acrescenta que “um ambiente escolar saudável só é possível pela conscientização de toda comunidade escolar, ou seja, um trabalho de prevenção ao bullying deve ocorrer entre os alunos, pais e profissionais de ensino” (p. 25). O mesmo autor ainda afirma que “o problema só pode ser solucionado se encarado de frente e somente por meio da união de todos é que o ciclo vítima-agressor será interrompido” (Id.).

O principal alvo de bullying é os alunos considerados como diferentes ou esquisitos. Esses alunos em geral são tímidos, retraídos, passivos, submissos, ansiosos, temerosos, com dificuldade de defesa, de expressão e de relacionamento. Além desses, a diferença de raça, religião, opção sexual,

desenvolvimento acadêmico, sotaque, maneira de ser e de se vestir parecem perfilar o retrato das vítimas (Fante e Pedra, 2008, p. 45).

O quadro a seguir identifica alguns comportamentos e situações de alunos que estejam sofrendo de bullying (ver **Quadro 1**). Assim, entende-se que talvez por esse motivo a mídia escrita e televisiva sempre quando aborda esse tema destaca e enfatiza a gravidade das diferenciadas formas de agressão.

É fundamental, mais uma vez não podemos esquecer as palavras de Silva (2010) quando diz que “estudos revelam um pequeno predomínio dos meninos sobre as meninas na prática de atos de bullying” (p. 7). O autor ainda acrescenta que:

No entanto, por serem mais agressivos e utilizarem a força física, as atitudes dos meninos são mais visíveis. Já as meninas costumam praticar bullying mais na base de intrigas, fofocas e isolamento das colegas. Podem, com isso, passar despercebidas, tanto na escola quanto no ambiente doméstico (Id.).

Em relação à idade do aluno e a série em que mais frequentemente ocorre a prática e a vitimização do bullying entende-se que o comportamento de bullies pode ser identificado em qualquer faixa e nível de escolaridade. Entre os 3 ou 4 anos de idade podemos observar o comportamento abusivo, manipulador, dominador e, por outro lado, passivo, submisso e indefeso. Porém, a maior incidência está entre os alunos do 6º ao 9º ano, período em que, progressivamente, os papéis dos protagonistas se definem com maior clareza (Fante e Pedra, 2005).

Quadro 01. Atitudes de vitimizadas pelo bullying na ótica de Cristofolini (2010)

Chega em casa com contusões frequentes	Perde dinheiro com frequência
Chega em casa com roupas rasgadas	Briga constantemente com amigos que antes eram considerados próximos
Diz que precisa de algo porque perdeu ou foi roubado	Fica quieto e retraído
É agressivo com os irmãos	Está com péssimo humor
Evita sair de casa	Tem insônia
Não se dedica como antes aos estudos	Demonstra ansiedade excessiva

Fonte: Saudeinformações

Entende-se assim e é perceptível em escolas como a aqui pesquisada (Mário Barbosa) a formação de grupos de séries mais adiantadas que submetem os alunos de séries inferiores a determinados atos de bullying, onde é constante e repetitiva a pressão para a entrega do material escolar, do lanche, dinheiro em pequenas somas. Isso às vezes ocorre pela pressão verbal ou pela força física. Contudo, devemos ter cuidados especiais para que a situação não seja analisada e compreendida de forma equivocada. As palavras de Silva (2009) lembram-nos que o fracasso escolar não pode isentar a responsabilidade e o sistema social vigente e a instituição escolar nele inserida.

Então, aí entendemos a importância dos diretores, supervisores, coordenadores e professores a levarem os alunos a essa percepção de moral. Aí se vê uma forma de esclarecimento e compreensão do mal que é a prática do bullying à moral dos alunos praticantes e dos vitimizadas por esse processo amoral.

Além disso, as vítimas, de forma geral, já apresentam algo que destoa do grupo (são tímidas, introspectivas, nerds, muito magras, são de credo, raça ou orientação sexual diferente etc.). Este fato por si só já as torna uma pessoa com baixa autoestima e, portanto, são mais vulneráveis aos ofensores. Não há justificativas plausíveis para a escolha, mas certamente os alvos são aqueles que não conseguem fazer frente às agressões sofridas (Silva, 2010).

É possível identificar autores de bullying através de algumas situações, tais como: falta de limites em seus processos educacionais dentro da família e acabam por reproduzir em seu meio escolar, modelo de ações que ocorrem no seio familiar; dentre aqueles que apresentam dificuldades momentâneas, devido problemas de saúde, financeiros ou separação traumática dos pais, doenças na família; e aqueles que transgridem devido à falta de altruísmo em sua personalidade.

Algumas consequências para as vítimas do bullying são o desinteresse pela escola; problemas psicossomáticos; e problemas comportamentais e psíquicos como transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, entre outros. O bullying também pode agravar problemas pré-existentes, devido ao tempo prolongado de estresse que a vítima é submetida. Em casos mais graves, podem-se observar até mesmo quadros de esquizofrenia. Considerando Assis (2011) entende-se por suas palavras que:

Uma vítima é alguém que sofre alguma agressão. Neste caso, o agressor é o bully. Mas, é interessante notar que, psicologicamente falando, todos têm uma parcela vítima e uma parcela agressora em nós mesmos. Nota-se que tudo o que aparece de forma consciente apresenta um oposto inconsciente, ou seja, se conscientemente eu sou vítima, inconscientemente eu

também sou agressor, e vice-versa. Se eu me identifico com meu ego, a minha sombra sempre vai trazer o meu oposto dentro de mim (p. 4).

Observa-se na opinião de Assis (2011), que toda vítima já sonhou ou imaginou revidar a agressão ou ainda colocar seus agressores na posição de vítimas. Isso mostra como temos esse aspecto em nós mesmos, por mais que não o manifestemos. Ao mesmo tempo, todo agressor ou bully tem um lado vítima em si mesmo e que muitas vezes ele tenta esconder em suas agressões. Muitas vezes ele é vítima em sua casa ou ainda mesmo na escola por não ter notas tão altas quanto seus colegas – que acabam sendo suas vítimas em troca. Por isso, a psicologia popular diz que essas pessoas no fundo sentem inveja de suas vítimas e ao ridicularizá-las, só estão manifestando o desejo de ser como elas. Isso demonstra essa realidade psicológica de termos em nós mesmos o nosso oposto.

Essa relação vítima-agressor está presente em todos. Portanto, é muito importante percebermos essa dinâmica justamente para não ignorá-la. Pois, quando isso acontece, entra o papel da vitimização. Essa dinâmica ocorre quando a vítima não reconhece o seu papel de agressor, se identifica unicamente como vítima e acaba, dessa forma, agindo de forma agressiva com os outros – mesmo que inconscientemente. É o que os americanos chamam de “passive-agression” ou agressão passiva (Assis, 2011).

Entende-se então que os passivo-agressivos, ao se identificarem como a vítima e assim ignoram o seu lado agressor, acabam agredindo aos outros enquanto na aparência estão se colocando na posição de vítima. Isso é muito comum em casamentos, quando um cônjuge se vitimiza e age como

vítima enquanto agride psicológica e moralmente seu suposto agressor.

Para a psicóloga Ana Beatriz "os bullies - os agressores – ao escolherem um aluno-alvo que se encontra em franca desigualdade de poder, geralmente este também já apresenta uma baixa auto-estima" (Beatriz, 2010, p. 02). A autora ainda prosegue afirmando que "a prática de bullying agrava o problema pré-existente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis" (Id.). Percebe-se que nas escolas, as vítimas de bullying acabam sofrendo muito nas mãos de seus agressores. Muitos entram no estado de vitimização e acabam, enquanto se colocam como vítimas, agredindo seus agressores. Um menino que, ao menor sinal de ameaça corre para os professores na esperança de que seus bullies sejam punidos está sendo agressor também, mas de forma velada. Uma menina que, ao se sentir ofendida por outras meninas espalha mentiras e boatos na escola como forma de defesa, está se vitimizando e agredindo as bullies. Um jovem que se sente ofendido pode desabafar em seu blog sobre isso, mas acaba xingando e agredindo verbal e moralmente seus agressores enquanto se vitimiza (Assis, 2011).

É, dentro desse contexto, que se aclama Silva (2011) considerando que o autor tem toda razão em sua análise, pois, não temos como fugir da relação agressor-vítima. Todos têm esses dois lados. Quando fugimos de sermos agressores, nos vitimizamos, identificando com a posição de vítima e assim agindo inconscientemente – e frequentemente negando a ação – como agressores, agimos como passivo-agressivos. Sob a pele de vítima acaba surgindo um grande agressor. O vitimizado é o

verdadeiro ‘lobo em pele de cordeiro’. Silva (2011) ainda chama atenção para que:

Ao invés de alimentarmos a cultura da vitimização, devemos sim reconhecer a dinâmica vítima-agressor. Não estou dizendo que devemos valorizar a agressão, mas sim reconhecê-la como real. Todo agressor é também vítima em algum nível e se queremos reconhecer o problema do bullying, devemos também reconhecer essa realidade dos bullies. E toda vítima também deve se reconhecer como agressor e, se necessário, deve agir com agressividade direta e não velada. A ação passivo-agressiva é mais prejudicial que a agressividade direta, pois na primeira tornamos a vítima a única responsável pela agressão sofrida. Entra aí a dinâmica prejudicial da culpa novamente (p. 28).

Conclui-se, então, que se a escola quer resolver o problema, não adianta coibir a agressão, pois ela vai continuar existindo justamente através da proibição que é agressiva. A escola precisa reconhecer o problema e identificar onde o bully está sendo vítima ou como essa dinâmica está acontecendo entre os alunos. Somente quando a comunidade escolar entender todo esse sistema será então possível planejar ações não para retaliar, mas para abolir a prática do bullying nas escolas.

RESULTADOS

Essa parte do artigo analisa com base em gráficos os resultados cooptados através da aplicação de questionário aos alunos do 3º ano do ensino médio da escola ‘Mário Barbosa’, num total de 90 alunos, sendo 45 do gênero masculino e 45 do gênero feminino. Os **gráficos de 1 a 3** analisam se os alunos já presenciaram atos de bullying na escola, qual tipo de bullying foi presenciado e que gênero do aluno praticou o referido ato de bullying. Na análise do **gráfico 1** comparativo das respostas

dadas pelos alunos, do gênero masculino e feminino, em relação à questão ‘Você já presenciou ato de bullying da escola’ entende-se que:

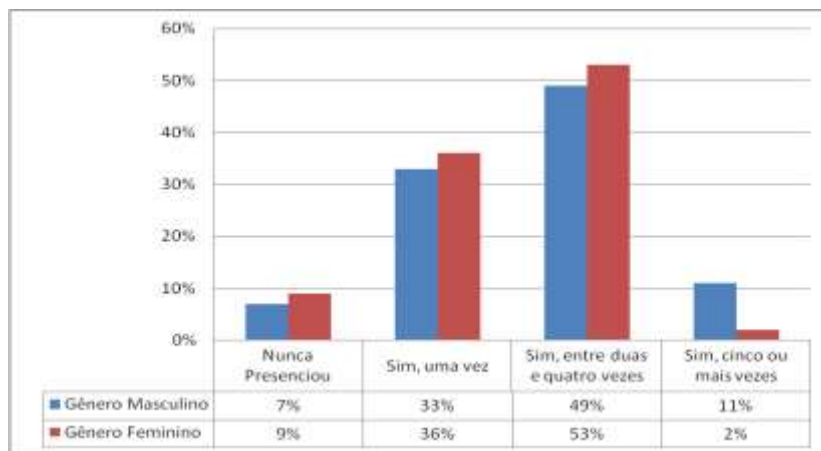


Gráfico 1. Você já presenciou ato de bullying na escola

Apenas uma pequena parcela dos alunos que responderam ao questionário ainda não assistiu a nenhum ato de bullying no interior da escola. No entanto o que mais preocupa é o percentual dos alunos que já presenciaram mais de uma vez atos de bullying na escola e que atinge o patamar superior a 50% dos alunos participantes da pesquisa de ambos os gêneros. Contudo, o gráfico também revela que os alunos o gênero masculino presenciaram em maior percentual atos de bullying no interior da escola. Assim, no contexto geral, entende-se que os atos de bullying são frequentes no interior da escola ‘Mário Barbosa’.

Na análise do **gráfico 2** comparativo das respostas dadas pelos alunos, do gênero masculino e feminino, em relação à

questão ‘O ato de bullying foi causado por aluno do gênero masculino ou feminino’, entende-se que:

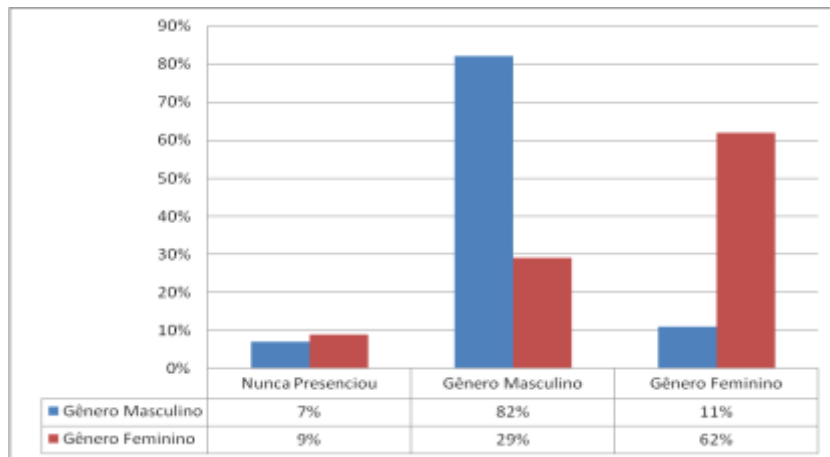


Gráfico 2. O ato de bullying que você presenciou foi causado por aluno do gênero masculino ou feminino

Existe uma proporcionalidade entre os atos de bullying causados pelos alunos do gênero masculino e do gênero feminino, mas o gráfico acaba por corroborar as palavras de Silva (2010) segundo o qual estudos já revelam um pequeno predomínio dos meninos sobre as meninas em relação aos atos de bullying na escola. Segundo Albino e Terêncio (2009) para melhor compreensão em relação ao gênero do autor, a maior parte das pesquisas revela que os meninos vitimizam mais que as meninas, além de se utilizarem mais da agressão física e verbal. As garotas, por seu turno, usariam mais a agressão indireta relacional, tal como espalhar rumores (fofocas) ou realizar exclusão social.

Em relação ao **gráfico 3** comparativo das respostas dadas pelos alunos, do gênero masculino e feminino, em relação à questão ‘Qual o tipo de bullying que você presenciou na escola, com maior frequência, esse ano’. Consta-se que:

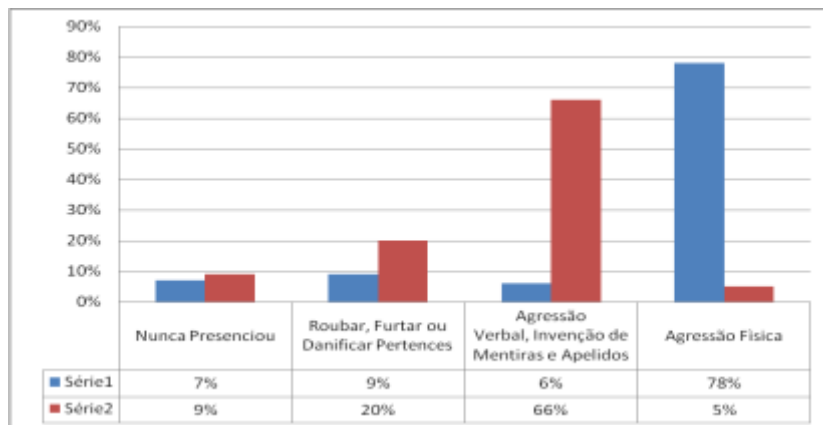


Gráfico 3. Qual tipo de bullying você presenciou na escola com maior frequência

Há uma diferenciação marcante entre as respostas dos alunos, pois enquanto os alunos do gênero masculino afirmam que o tipo de bullying que mais presenciaram foi a agressão física e a agressão verbal, os alunos do gênero feminino identificaram a ridicularização das pessoas e os apelidos. Esses resultados referendam as palavras de Silva (2010) contidas no referencial teórico quando afirmam que os meninos ao praticarem bullying por serem mais agressivos e utilizarem a força física suas atitudes são mais visíveis.

Por outro lado, as meninas costumam praticar bullying mais na base de intrigas, fofocas e isolamento das colegas. Podem,

com isso, passar despercebidas, tanto na escola quanto no ambiente doméstico.

Os **gráfico 4 a 6** analisam se os alunos já praticaram bullying na escola, qual tipo de bullying foi praticado e se a prática foi contra aluno do gênero masculino ou feminino. Em relação ao **gráfico 4** comparativo das respostas dadas pelos alunos, do gênero masculino e feminino, em relação à questão ‘Você já praticou ato de bullying na escola durante esse ano escolar’. Constata-se que:

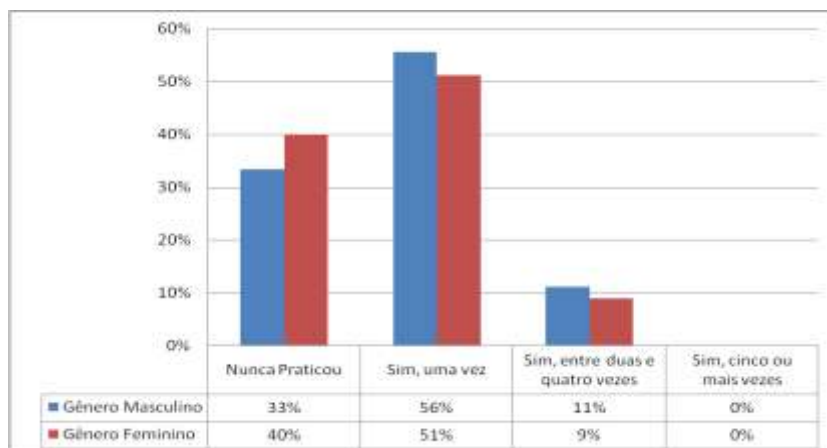


Gráfico 4. Você já praticou ato de bullying na escola durante esse ano escolar

A maioria dos alunos de ambos os gêneros já praticou ato de bullying na escola. No entanto fica evidenciado que os alunos do gênero masculino são aqueles que executaram os atos com maior frequência, pois 50% deles já praticaram mais de duas vezes atos violentos na escola. Os resultados identificados só corroboram as palavras de Albino e Terêncio (2009) quando asseveram que

é certa a grande influência dos papéis de gênero, ou seja, da construção histórica e social da masculinidade e da feminilidade, uma vez que os meninos costumam ser incentivados socialmente a assumir posições fisicamente violentas, enquanto às meninas restam formas mais sutis de agressão.

Em relação ao **gráfico 5** comparativo das respostas dadas pelos alunos, do gênero masculino e feminino, em relação à questão ‘Essa sua prática foi contra aluno do gênero masculino e/ou feminino’. Constatou-se que:

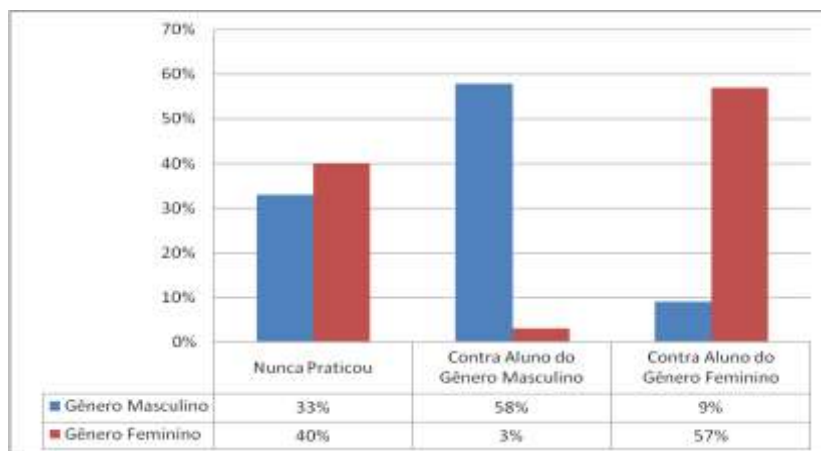


Gráfico 5. Essa sua prática foi contra aluno do gênero masculino ou feminino

O **gráfico 5** mostra que o aluno do gênero masculino exerce sua prática principalmente contra alunos do mesmo gênero enquanto que os alunos do gênero feminino praticam com maior intensidade o bullying contra vítimas de ambos os gêneros. Os meninos exercem sua demonstração de força contra alunos do mesmo gênero como forma de não demonstrar fraqueza e

covardia perante aqueles que assistem e vangloriam seus atos hediondos.

Na análise do **gráfico 6** comparativo das respostas dadas pelos alunos, do gênero masculino e feminino, em relação a questão ‘Qual o tipo de bullying que você praticou na escola esse ano’, entende-se que:

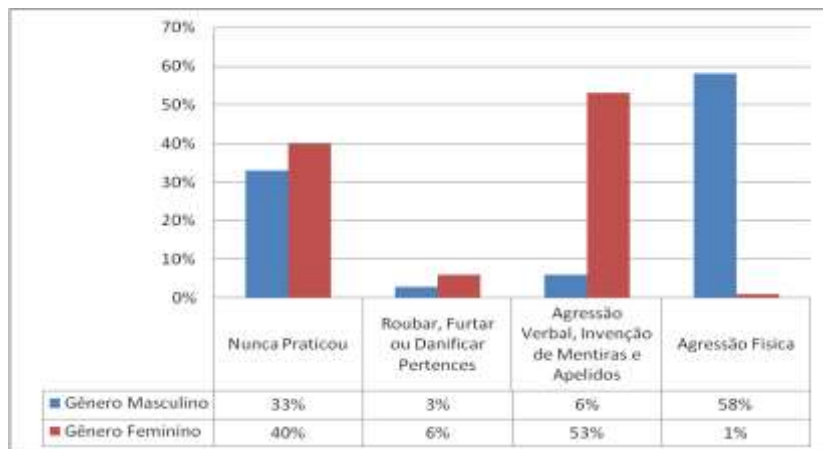


Gráfico 6. Qual o tipo de bullying que você praticou na escola esse ano

Os resultados corroboram com a situação expressa no gráfico 2 indicando que a agressão física é praticada principalmente pelo aluno do gênero masculino enquanto que os apelidos, a agressão verbal e a invenção de mentiras são as principais formas de bullying praticadas pelos alunos do gênero feminino.

Os **gráficos 7 a 9** analisam se os alunos já foram vítimas do bullying na escola, qual tipo de bullying sofreu e se a prática partiu de aluno do gênero masculino ou feminino. Na análise do

gráfico comparativo das respostas dadas pelos alunos, do gênero masculino e feminino, em relação a questão ‘Você já foi vítima de bullying na escola esse ano’, entende-se que:

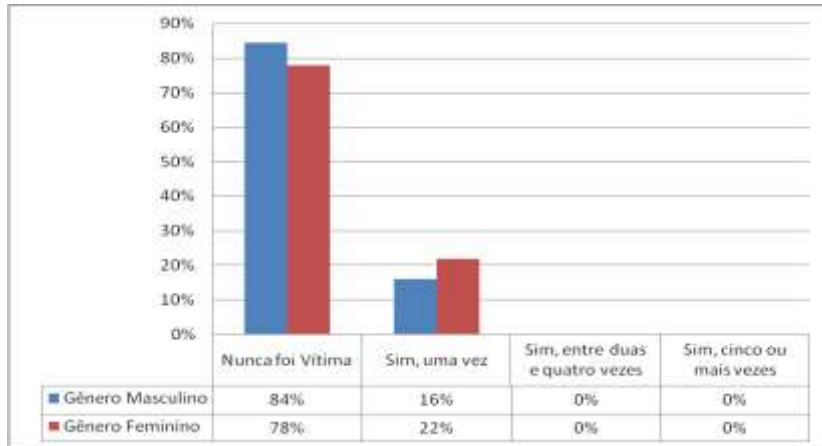


Gráfico 7. Você já foi vítima de bullying na escola esse ano

O gráfico expressa que os alunos do gênero feminino são os que mais sofrem atos de bullying. Isto referenda o cooptado pelo gráfico 4 e ratificam as palavras de Silva (2011) que expressam ao invés de alimentarmos a cultura da vitimização, devemos sim reconhecer a dinâmica vítima-agressor. Não estou dizendo que devemos valorizar a agressão, mas sim reconhecê-la como real. Todo agressor é também vítima em algum nível e se queremos reconhecer o problema do bullying, devemos também reconhecer essa realidade dos bullies. E toda vítima também deve se reconhecer como agressor e, se necessário, deve agir com agressividade direta e não velada. A ação passivo-agressiva é mais prejudicial que a agressividade direta, pois na primeira

tornamos a vítima a única responsável pela agressão sofrida. Entra aí a dinâmica prejudicial da culpa novamente.

Na análise do gráfico comparativo das respostas dadas pelos alunos, do gênero masculino e feminino, em relação a questão ‘Quem praticou o ato de bullying contra você foi aluno de qual gênero’, entende-se que:

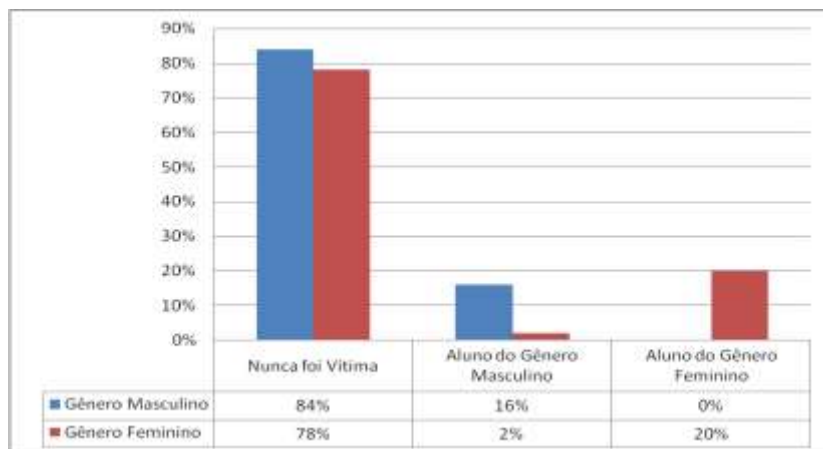


Gráfico 8. Quem praticou o ato de bullying contra você foi aluno de qual gênero

O gráfico mostra que ambos os gêneros são praticantes com frequência do bullying diferentemente do que se pensa que as meninas pouco praticam esse ato e sempre se transformando nas maiores vítimas. É, dentro desse contexto, que se aclama Silva (2011) considerando que o autor tem toda razão em sua análise, pois, não temos como fugir da relação agressor-vítima. Todos têm esses dois lados. Quando fugimos de sermos agressores, nos vitimizamos, identificando com a posição de vítima e assim agindo inconscientemente – e frequentemente negando a ação –

como agressores, agimos como passivo-agressivos. Sob a pele de vítima acaba surgindo um grande agressor. O vitimizado é o verdadeiro ‘lobo em pele de cordeiro’.

Em relação ao gráfico comparativo das respostas dadas pelos alunos, do gênero masculino e feminino, em relação à questão ‘Qual o tipo de bullying que você mais sofreu na escola esse ano’. Constatase que:

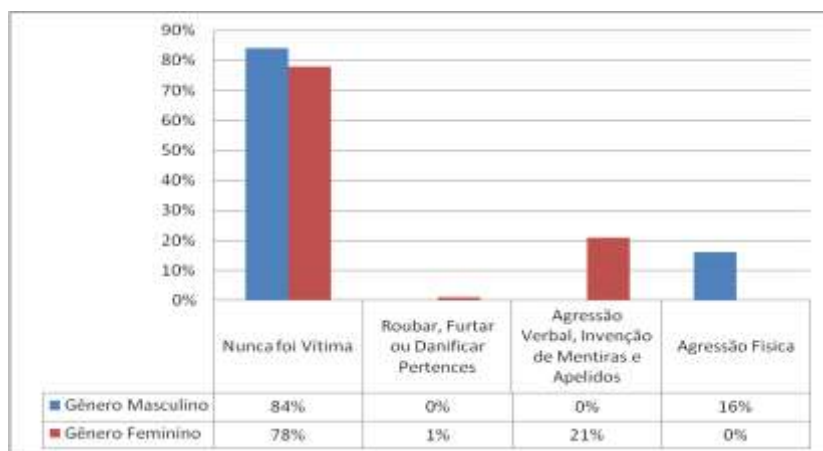


Gráfico 9. Qual o tipo de bullying que você mais sofreu na escola esse ano

Os meninos sofrem mais com as agressões físicas e as meninas com os apelidos. Novamente se confirmam as palavras de Albino e Terêncio (2009) quando afirmam que os meninos vitimizam mais que as meninas, além de se utilizarem mais da agressão física. As garotas, por seu turno, usariam mais a agressão indireta relacional, tal como espalhar rumores (fofocas).

CONCLUSÃO

Em resposta ao objetivo desse artigo ‘analisar a relação do gênero dos alunos com a intensidade e frequência da prática dos atos bullying na escola Mário Barbosa’ e tendo como base as respostas dos alunos expressas nos gráficos e tratadas estatisticamente constatou-se que a intensidade da violência está diretamente vinculada ao aluno do gênero masculino. Pode-se concluir também que os alunos do gênero masculino atuam com maior frequência e de forma mais incisiva e abrupta na prática do bullying no interior da escola.

Percebe-se também que ambos os gêneros são praticantes e ao mesmo tempo vítimas de atos de bullying, mas que os alunos do gênero masculino além de praticarem os atos em maior número e frequência, como também são as principais vítimas.

A observação do pesquisador vem em apoio aos resultados obtidos pelos questionários ao constatar-se que:

- a) Os alunos, tanto do gênero masculino como do gênero feminino presenciaram inúmeras ações de bullying; os alunos do gênero masculino presenciaram maior número de ações relacionadas à agressão física e a agressão verbal, enquanto que os alunos do gênero feminino presenciaram maior número de ações relacionadas aos apelidos e a ridicularização da pessoa;
- b) A maioria dos alunos do gênero masculino, que respondeu ao questionário, já praticou más de um ato de bullying, principalmente a agressão física e contra alunos do mesmo gênero e embora grande número de alunos do

gênero feminino também já tenha praticado o ato, isso ocorreu em menor número de vezes e em geral ações relacionadas aos apelidos;

- c) Alunos, de ambos os gêneros, que responderam ao questionário também já foram vítimas de bullying. Os apelidos, a agressão física e a ridicularização da pessoa foram às ações mais sofridas por esses alunos, partícipes da pesquisa.

São alunos dos gêneros masculino e feminino que igualmente estão expostos a essa prática de humilhação e intimidação que geram sequelas às vezes irreversíveis em decorrência da alteração das relações socioculturais dos sujeitos envolvidos em atos de bullying.

O bullying deve ser visto como forma diferenciada da violência ocasional, pois suas ações são repetitivas, premeditadas e deliberadas.

A prática do bullying traz em seu bojo consequências negativas para a escola, para o processo ensino-aprendizagem e para a sociedade como um todo.

Este trabalho de pesquisa é um primeiro passo dado, e que, outros passos venham para melhoria do ensino e do convívio social na escola “Mário Barbosa”, que sofre com as situações de bullying.

Necessitamos evoluir muito ainda, mas coexistem muitas barreiras a serem superadas de toda ordem, uma vez, que essa

escola pública em todo o seu contexto não possui autonomia para criar suas próprias ações restritivas ao bullying.

A escola do século XXI não evolui por si só. É preciso força, raça e determinação do Estado em suas esferas federal, estadual e municipal e a união de todos os partícipes da comunidade escolar para combater essa prática nefasta, repugnante e antissocial que é o bullying.

REFERÊNCIAS

- Albino, P. L., & Terêncio, M. G. (2009). *Considerações críticas sobre o fenômeno do bullying: do conceito ao combate e à prevenção*. *Atuação*, 15, 169-195.
- Antunes, D. C., & Zuin, A. A. S. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*, 20 (1), 33-42.
- Assis, P. (2011). *Bullying, a vítima e a vitimização*. Curitiba-PR: @Psicolog.
- Beatriz, A. (2010). *Bullying: Mentas perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Fontanar.
- Beane, A. L. (2010). *Proteja seu filho do bullying: impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles*. Rio de Janeiro: BestSeller.
- Calhau, L. B. (2010). *Bullying o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão*. (2 th ed.). Niterói - RJ: Impetus.
- Capucho, V. A. C., & Marinho, G. C. (2008). Cyberbullyng: uma nova modalidade de violência escolar. *Construir notícias*, 40, 14-18.

- Cristofolini, G. M. A. F. (2009). *Agressividade Infantil sob o Prisma da Psicologia Corporal*. Monografia de Especialização, Centro Reichiano de Psicologia Corporal. Curitiba, Paraná.
- Fante, C. y Pedra, J. A. (2008). *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Armed.
- Galdino, J. (2009). *Bullying: vamos mudar essa atitude*. São Paulo: Noovha América.
- Melo, J. A. (2010). *Bullying na Escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo*. Recife: Edupe.
- Mobus, B. (2010, julho). São Paulo: O problema do bullying. *Pais&Filhos*, 411, 11-12.
- Silva, A. B. B. (2010). *Bullying – Cartilha 2010 – Projeto Justiça na Escola*. Brasília/DF.
- Silva, V. R. (2011, abril). São Paulo: Bullying não é brincadeira. *Veja*, 2213, 88-93.
- Vila, C. & Diogo, S. (2009). *Bullying*. Portimão, Portugal: Ismat.